

## O maior responsável chama-se FRELIMO

O semanário «Expresso» de 17 de Dezembro — e nesta matéria trata-se sem dúvida de jornal insuspeito — noticiou que o quadro que se vive na província de Inhambane, no sul de Moçambique, é de centenas de crianças subnutridas, mulheres esqueléticas e de olhos baços e homens que há meses não conseguem encontrar alimentos para as famílias e onde a fome fez já **7500 vítimas mortais** (sete mil e quinhentas). Só em Agosto passado, 20 (vinte) pessoas morriam em média por dia à fome em duas províncias do sul de Moçambique — Inhambane e Gaza.

Se é por um lado na verdade um quadro sombrio e desolador, não deixa por outro de ser também perfeitamente revoltante, sobretudo para quem como nós tinha vivido a realidade moçambicana antes e depois da independência.

Sabe-se perfeitamente que a região ao sul do rio Save, com os seus escassos e médios 500 milímetros anuais de chuva, constitui uma zona semi-árida, não só pela diminuta quantidade de chuva caída, como também pela sua irregularidade, forte evaporação e espaçamento das chuvadas. Daí que os resultados da agricultura de sequeiro ali praticada, possam expressar-se do modo seguinte: 53% dos anos são de fome; 25% de colheitas escassas; e 22% de colheitas boas. Mas tanto quanto se conhece foi sempre assim e portanto não é só de agora tal situação, pelo que a administração portuguesa projectou e construiu naquela zona, as barragens do rio Limpopo e do rio Elefantes, para

além de várias outras obras de menor vulto, com vista a minimizar na agricultura e pecuária as consequências negativas do clima.

Com tais realizações se objectivou uma agricultura enraizada no regadio, para pretos e para brancos e nela havendo lugar para todos trabalharem fraternalmente, como aliás já à data da independência acontecia, com pleno êxito no vale do Limpopo.

As «calamidades naturais» que sistematicamente têm vindo a ser invocadas desde a independência, não são mais do que um «bluf» para justificar o descalabro e o total fracasso da política económica seguida, que de algum modo tem conseguido comover o mundo ocidental que, ingénua e irresponsavelmente com as suas ajudas económicas (e o bloco de Leste com as suas armas), só tem servido para consolidar um sistema político que arrastou um território rico e uma população de doze milhões de pessoas para um estado de autêntica penúria e angustiantemente miséria.

Nunca em vinte e um anos de permanência em Moçambique temos conta de que alguma vez tenha ocorrido uma situação de fome como aquela que desde a independência se tem vindo a viver e sucessivamente a agravar até ao quadro actual que nós pessoalmente temos vindo a observar e que o «Expresso» só agora refere.

Na campanha agrícola de 1975/76 produziram-se na região ao sul do rio Save um total de 68 000 toneladas de arroz em agricultura de regadio e distribuídas pela forma seguinte: ex-Colo-

nato do Limpopo, 60 000; Chibuto, Manjacaze e Xai-Xai, 5000; Sabié, Maputo e Incomáti, 2000 e Inhambane, 1000. Na campanha passada de 82/83 tudo se resumiu a escassas 21 000 toneladas no ex-Colonato do Limpopo, ou seja menos de um terço. Por causa da seca? Necessariamente que não, pois o arroz cultivava-se de regadio nestas zonas com água dos respectivos rios, que embora tenham na verdade registado caudais reduzidos, pelo menos nos últimos três anos, sempre todavia têm sido os suficientes para não afectar significativamente a cultura do arroz.

As causas de tal fracasso residem fundamentalmente na opção feita pelo partido Frelimo nos domínios da política agrícola, em que o Estado como patrão e empregador é absolutamente inoperante e ineficaz e as próprias po-

pulações se encontram absolutamente desmotivadas pelo sistema.

E nem se invoque sequer a guerrilha como uma das causas da miséria e da fome que se vivem em Moçambique, pois também a administração portuguesa enfrentou durante 10 anos a permanente guerrilha da Frelimo e nunca ninguém por isso morreu de fome, como agora está a acontecer.

Daí o nosso estado de revolta por este evitável estado de miséria a que chegou a desgraçada e infeliz população moçambicana, não por via de quaisquer calamidades naturais, mas tão somente por causa de uma grande calamidade ideológica.

**BERNARDINO DUARTE**  
Soure